

A IRÔNICA REVERSÃO DO DECLÍNIO: *SÃO BERNARDO* (1934) DE GRACILIANO RAMOS

Franklin Farias Morais

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: O artigo propõe um debate sobre *São Bernardo* (1957) retomando a discussão (coetânea à publicação) da suposta inverossimilhança em torno do protagonista do romance de Graciliano Ramos. A escalada social de Paulo Honório e o desenvolvimento da propriedade adquirida revertem-se nesta leitura numa insólita decadência (mais moral que econômica, embora também). Os motivos centrais do enredo são analisados em conjunção às dinâmicas narrativas e às peculiaridades do irascível e volúvel narrador.

Palavras-chave: *São Bernardo*, Graciliano Ramos, romance de 30, romance social, ciclo romanesco

Abstract: The article proposes a debate on *São Bernardo* (1934) that resume the discussion (parallel to the publication) of the supposed lifelikeness that involves the protagonist of Graciliano Ramos' novel. Within this analysis, Paulo Honórios' social climbing and the development of the property acquired by him are reverted into an unusual decadence (mainly moral, but also somewhat economic). The central motifs of the plot are analyzed together with the narration dynamics and the peculiarities of the irascible and voluble narrator.

Keywords: *São Bernardo*, Graciliano Ramos, novels of the 1930s, social novel, romanesque cycle

“O S. Bernardo está pronto, mas foi escrito quase todo em português (...). Agora que está sendo traduzido para o brasileiro, um brasileiro encrocado, muito diferente do que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitavam que existissem. (...) Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico? Os idiotas que estudarem gramática lerão *S. Bernardo*, cochilando, e procurarão nos monólogos de seu Paulo Honório exemplos de boa linguagem”.

Graciliano Ramos, *Cartas*, pp. 130-131.

Publicado em primeira edição pela editora Ariel em outubro de 1934 sob responsabilidade de Gastão Cruls (1888-1959), o volume de *São Bernardo* do escritor alagoano Graciliano Ramos (1891-1953)⁶², livro fundamental para a biblioteca do romance de 30, viria a criar condições de demonstrar fragilidades e preconceitos marcantes de parte da crítica literária realizada nos jornais e periódicos da época.⁶³ A ênfase crítica a fundamentar boa parte destas limitações — em relação ao segundo romance de Graciliano — começa pelas mãos de um importante editor da época, o poeta Augusto F. Schimdt, que apontou grave inverossimilhança no fato de o protagonista-narrador da narrativa, Paulo Honório, homem semiletrado e ex-trabalhador rural, ter se incumbido da tarefa de passar sob exame, através da escrita, sua obstinada e malfadada trajetória — operação cujo produto é um livro de caráter autobiográfico.⁶⁴

Essa leve mas persistente objeção seria endossada por dois dos mais respeitados críticos literários do periodismo da época: Agripino Grieco⁶⁵ e Álvaro Lins.⁶⁶ As críticas se centram na ideia de “inverossimilhança” em relação à narração em primeira pessoa: como o rude e inculto Paulo Honório poderia elaborar, escrever e ter sob controle uma narrativa tão densa e bem escrita? Como poderia esse homem ter momentos de severa introspecção e autoanálise, vazados numa linguagem rigorosamente lacônica e, por vezes, até poética? Nas palavras de um colunista do *Diário de Lisboa*, “Graciliano quis aplicar à expressão de psicologias rudimentares métodos que só se enquadram à

⁶²“Datilografado por Valdemar Cavalcanti, *São Bernardo* atrasaria dois meses, sendo publicado em novembro de 1934, com tiragem de mil exemplares apenas”. MORAES, Denis de. *O velho Graça*: uma biografia de Graciliano Ramos. 2^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, p. 78.

⁶³ RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*: romance. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.

⁶⁴ Cf. SCHMIDT, Augusto F. Coluna. *Diário de Notícias* (RJ). 16 dez. 1934.

⁶⁵ Cf. GRIECO, Agripino. Romance. *O Jornal* (RJ). 23 dez. 1934.

⁶⁶ Detalhe: o crítico pernambucano classifica *São Bernardo* como novela. Cf. MAIA, Eduardo Cesar (org.). *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste*. Cepe editora. Versão Kindle.

expressão de psicologias complexas”.⁶⁷ Na pressuposição de um “erro de técnica”⁶⁸ (quando da escolha da primeira pessoa em vez da terceira), o apontamento da inverossimilhança parece basear-se num juízo a supor que a inventividade, o letramento e as técnicas de escrita (necessárias à criação duma grande obra) não seriam verossímeis pelas mãos de um homem sertanejo, profundamente inserido numa sociedade de economia rural — e aqui nota-se importante clivagem entre as posições discursivas de autor e de narrador (embora essas instâncias a rigor não se confundam): se o severo Paulo Honório é incapaz de cultivar-se (no sentido de melhor humanizar-se), o disciplinado Graciliano é leitor voraz e profícuo autodidata. O problema crítico de entre autor e personagem-narrador criva fundamentalmente o modo de recepção do romance.⁶⁹

Nesse sentido, o alegado “rudimentarismo de almas”⁷⁰ (lê-se a expressão na coluna de Grieco) da região do agreste nordestino de Viçosa, local em que a trama se ambienta, ensejaria uma espécie de duplicação generalizada — bem à moda da visão naturalista — de indivíduos com espíritos amesquinados e brutalizados, condicionados pela precariedade duma estrutura social arcaica: personagens supostamente incapazes, portanto, de criação literária. Certo apontamento na crítica de jornal é emblemático desta posição; embora achasse a narrativa “muito simples” (e, por isso, tal texto seja talvez emblemático duma via de interpretação quase dominante na fortuna crítica coetânea à publicação do romance), Lúcia Miguel Pereira viria a escrever: “parece incrível, mas neste seu último e notável romance o único defeito é ser bem escrito demais para ser narrado por esse áspero Paulo Honório que aprendeu a ler na prisão”.⁷¹ Com a clareza habitual, Lúcia Miguel vai ao cerne do aparente paradoxo: o único defeito do livro seria, em razão das características do protagonista-narrador, sê-lo efetiva e rigorosamente bem escrito. De outro modo (mas com pontos de contato com essa abordagem), Carlos Lacerda faz elogios à faceta realista a evidenciar-se na construção do enredo — no sentido de bem ilustrar assimetrias sociais emblemáticas da realidade nordestina —, mas também dá relevo à ideia de influência da linguagem do autor a revelar-se sobre os recursos limitados de que

⁶⁷ OS LIVROS da semana: *Angústia*, S. Bernardo, *Vidas secas*, romances por Graciliano Ramos. *Diário de Lisboa*. 1^o set. 1938.

⁶⁸ A expressão é de um crítico sob pseudônimo. MALASARTE. Literatura & cia. *Diário da Noite* (RJ). 16 mar. 1935.

⁶⁹ Lembre-se da bela analogia de período síntese formulada por Aurélio Buarque: “Escreve [Graciliano] como quem passa telegrama, pagando caro por cada palavra”. HOLANDA, Aurélio Buarque. “Caetés”. In: *Boletim de Ariel*. fev. 1934.

⁷⁰ Cf. GRIECO, Agripino. *Op. cit.*, 23 dez. 1934.

⁷¹ PEREIRA, Lúcia Miguel. *A leitora e seus personagens*: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. 2^a ed. Rio de Janeiro: Graphia; Fundação Biblioteca Nacional, 2005, p. 83.

disporiam Paulo Honório — como que apontando para o estilo rigoroso do Graciliano autor a sobressair artificialmente sobre a elementaridade de linguagem e vocabulário a que narrador disporia.⁷² Contudo, a relativa pequenez dessa questão (afinal não queriam um bom livro?), tão presente no calor da publicação do livro, encontraria válida justificação no esfumar-se do tema no decorrer dos anos seguintes, à medida que a grandeza da obra romanesca de Graciliano Ramos corria a afirmar-se peremptória com as publicações de *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938). No jantar de celebração dos cinquenta anos do escritor a 27 de outubro de 1942 (celebrado no Restaurante Lido no Rio de Janeiro) — presentes Candido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Lúcia Miguel Pereira, Gustavo Capanema, Manuel Bandeira, João Conde, José Lins do Rego, Vinícius de Moraes, Moacir Werneck de Castro, Jorge Amado, entre outros — o problema da “inverossimilhança” já estava reduzido a pó de juízos datados: e ninguém fora indecoroso o suficiente a ponto de requentá-lo no livro que reuniu os discursos proferidos pela ocasião do festivo encontro.⁷³

Tendo como ambiente o município de Viçosa (interior do estado de Alagoas, cidade na qual Graciliano “passou a segunda parte de sua infância, a partir de oito anos”⁷⁴), a narrativa da história de Paulo Honório — o “coronel assassino”⁷⁵ nas reminiscências do autor⁷⁶ — mobiliza dois grandes temas, fundamentais para a obra romanesca do autor, conforme indicou Helmut Feldmann em seu *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra* (1996), quais sejam: “meio” e “hereditariedade”. Em suas relações de reciprocidade e/ou ruptura, são fatores que irão determinar objetivos do protagonista-narrador, fornecendo os fundamentos da, por assim dizer, “régua moral” mercantilista com a qual ele medirá as coisas e as pessoas sempre em razão de seu lucro e proveito pessoais. Poder-se-ia até afirmar que essas duas instâncias temáticas atravessam os acontecimentos e escolhas em situações decisivas de sua trajetória: o período de trabalho quando da primeira juventude arrastando enxada para o velho Salustiano Padilha em S. Bernardo; e a alfabetização na cadeia, pela folha miúda da Bíblia protestante

⁷² Cf. LACERDA, Carlos. São Bernardo e a ponta da faca. In: *Revista Acadêmica*. n. 14. 1935.

⁷³ Cf. SCHMIDT, Augusto F (org.). *Homenagem a Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Alba, 1943.

⁷⁴ FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Tradução de Luiz Gonzaga Chaves, José Gomes Magalhães. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1996, p. 69.

⁷⁵ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 31. ed. v. I. Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 35.

⁷⁶ Em depoimento ao jornalista José Condé, Graciliano reconstrói o nascimento do personagem Paulo Honório. Cf. Os romancistas falam de seus personagens: Paulo Honório de «S. Bernardo». *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro. ano 1, n° 6. dez. 1949.

do Joaquim sapateiro, no início da vida adulta; o método de assalto terrífico (por que não “canganceiro”?) envolvido na captura e tortura do dr. Sampaio, que ficara “palitando os dentes”⁷⁷ diante da necessidade do acerto do saldo (o início da ascensão); o assassinato do Mendonça e a posterior relação protetiva com suas filhas no reerguimento de S. Bernardo; a decisão de procurar uma mulher em razão da necessidade de “preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo”⁷⁸; fatores de meio e hereditariedade que compõem o eixo das ações de Paulo Honório e que, de certo modo, desembocam na sintética proposição autoexplicativa “vida agreste/alma agreste” — expressa no primeiro parágrafo do decisivo capítulo 19, quando se está especulando sobre a natureza solidária da personalidade de Madalena: “a culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.”⁷⁹

Seria, afinal, Paulo Honório o que é (egoísta e brutal, como mesmo se autodefine) pela rudeza e violência do nordeste agrário e coronelista? Causa e efeitos de uma vida árdua determinando sua alma empedernida, insensível? A conclusão imediata que ele tira, ao menos, é que “falando assim, compreendo que perco tempo”⁸⁰: a autorreflexão lhe é, pois, hostil. Paulo Honório não deseja pensar (embora a premência do livro o faça, “sou forçado a escrever”⁸¹), mas agir empiricamente. E agir neste contexto é, por contradição, escrever, criar o livro: talvez o ato intelectual por excelência; daí a aporia que resulta de sua narração — o homem prático que detesta literatura e, entretanto, a faz e não pode deixar de fazê-la.

A evidenciação de caracteres da personalidade de Paulo Honório — ardiloso, pragmático, suspicaz, impiedoso, egoísta, inescrupuloso, volúvel, brutal e, fundamentalmente, anti-intelectual — vai se demonstrando, no desdobrar dos eventos da narrativa, também pela firme e mordaz negação às instituições que permeiam a cultura jurídico-jornalístico-letrada no interior do enredo (numa narração em primeira pessoa que quase não cede ao discurso indireto, firmando-se na visada cínica e objetivista do protagonista-narrador): o Poder Judiciário encarnado sob a figura corruptível e até certo ponto patética do Dr. Magalhães; a imprensa venal e conservadora da *Gazeta* (Maceió) e do *Cruzeiro* (Viçosa); e o órgão local de cultura letrada, o a seu ver inútil Grêmio Literário e Recreativo. O Grêmio, que é resultado do fracasso de Padilha na fundação do *Correio de Viçosa*, é descrito de modo a expressar, pelo

⁷⁷ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 66^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 13.

⁷⁸ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 57.

⁷⁹ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 100.

⁸⁰ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 100.

⁸¹ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 100.

vazio da pompa honorífica, o ridículo da situação — “na primeira sessão de assembleia geral Padilha foi aclamado sócio benemérito e presidente Honório perpétuo.”⁸² Observa-se a implacabilidade que se expressa através das orações secas (geralmente separadas por vírgulas, assindéticas) de juízos peremptórios, frases cortantes que compõem uma dicção que se estende rigorosa por todos os eventos da narração da escalada de poder de Paulo Honório. Pela paráfrase, chega-se ao mesmo ponto objeto de reflexão de Helmut Feldman em sua abordagem do romance: “Paulo Honório troça das ‘histórias fiadas’ dos romances, das quais ele afasta sua biografia que reflete as experiências imediatas da própria vida.”⁸³

Todo o processo de gênese da escrita do livro está tematizado nos capítulos 1 e 2. A princípio PH pensa no advogado João Nogueira para a composição do estilo: frustra-se, contudo, com sua linguagem alambicada, barroca, feita “com períodos formados de trás para diante”,⁸⁴ expressando os arcaísmos da retórica bacharelesca que faz-lhe eliminá-lo de chofre da empreitada. Padre Silvestre, que no projeto inicial ficaria encarregado da “parte moral e as citações latinas”⁸⁵, o recebe com frieza: aderira às colunas revoltosas da Revolução de 30. Resta-lhe então o periodista do local *Cruzeiro* “Lúcio Gomes de Azevedo Gondim” — cuja identificação do nome completo apenas se dará neste trecho, estilizando o contraste de seus “atributos” profissionais — “periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam”.⁸⁶ Depois de querer fazer de Gondim uma espécie de folha em branco na qual se imprimissem as “ideias confusas” que lhe “fervilhavam na cabeça”⁸⁷, o resultado das folhas datilografadas lhe é de absoluta frustração. A passagem do esbregue de PH ao jornalista expressa de forma característica sua discordância em relação à estrita separação, na fatura textual, entre língua falada e língua escrita.

O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do *Cruzeiro* apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheio de besteiras que zanguiei:
— Vá para o inferno, Gondim. Você acanhalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa formal!

⁸² RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 19.

⁸³ FELDMAN, Helmut. *Op. cit.*, p. 65.

⁸⁴ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 5.

⁸⁵ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 5.

⁸⁶ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 6.

⁸⁷ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 7.

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos de sua pequena vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

— Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

— Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tintas é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia (RAMOS, 1996, p. 7).

Parece que Paulo Honório, assim mesmo como o autor, recusa a convenção que separa (ou fratura) a expressão oral da linguagem literária. Isso retoma o problema da estreita relação entre vida e obra na configuração das narrativas, tão presente na fortuna crítica gracilianica; é sabida a verdadeira aversão de Graciliano Ramos à prosa de ficção distanciada da representação das contingências imediatas da vida humana (os fundamentos realistas de sua técnica literária): a concretude da realidade empírica, as necessidades fisiológicas naturais, a premência dos poderes políticos, as pressões e expectativas sociais — aos personagens e às situações que lhe permeiam — mostram-se como aspectos decisivos na efetuação narrativa de seus romances. Sua crítica ao que considera “academicismo estéril” dos movimentos literários dominantes na vida literária nacional (hegemônicos nas duas primeiras décadas do século) é largamente conhecida: o texto “A decadência do romance brasileiro” (publicado na revista *Literatura* em 1946) assevera sua ostensiva repulsa à linguagem literária formalizada no celebrado *Canaã* (1902) de Graça Aranha⁸⁸. Se Graciliano, em entrevista, chegara a afirmar que nunca pudera sair de si mesmo, só sendo-lhe possível escrever a partir do que ele mesmo é⁸⁹, PH não atesta disposição diferente em relação ao livro de sua vida: a crueza do estilo desataviado solda-se, pela narração, à sua brutal personalidade na efetuação de uma narrativa severa, econômica, “magra” — a seu ver “com pedaços melhores que a literatura do Gondim”⁹⁰ —, narrativa matuta pois de acordo consigo, que não tolera a “tapeação”⁹¹ literária de grossos calhamaços reduzíveis a quatro

⁸⁸ O texto apresenta um painel analítico do legado da experiência modernista sobre a geração de romancistas surgida nos anos 1930. A frase “possuíamos excelentes romances, e não tínhamos romancistas” serve de mote à reflexão das razões de um retorno ao conservadorismo (sintático, temático e moral) da linguagem romanesca após o apogeu do romance social em 1935. Cf. RAMOS, Graciliano. *A decadência do romance brasileiro*. In: *Literatura*. n. 1. Rio de Janeiro: 1946, p. 93.

⁸⁹ Citação da entrevista do autor a Homero Senna em 1948: “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou”. Cf. CHAUVIN, Jean P.; RIBEIRO, Rodrigo Jorge N. *Vida, literatura e engajamento*. In: *Revista Cult*. n. 239. São Paulo: 2018 [versão Kindle].

⁹⁰ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 186.

⁹¹ O sentido de logro implicado no emprego dialetal da referida palavra no Nordeste brasileiro consiste não em errar por inapetência ou tolice, mas (no campo da linguagem literária) rebuscar para enrolar, ou para não se fazer entender.

linhas: “você engolem muita bucha, Gondim. Há por aí volumes que cabem em quatro linhas”⁹², ele diz.

As transformações modernizadoras paulatinamente adotadas na fazenda — novas culturas, açude, luz elétrica, carros, serraria, descaroçador, toda sorte de maquinismos agrícolas, utensílios domésticos — vão se contrapor, na economia interna da narração, às práticas políticas coronelistas do fazendeiro (aparelhagem de capangas, eleitorado de cabresto junto ao churrasco de reses em dia de eleição, assassinato de inimigos, corrupção judiciária). A efetuação dessas práticas é o itinerário indispensável para o acesso ao tráfico de influência frente às elites oligárquicas desta “democracia a bico de pena” — e Paulo Honório o cumpre impecavelmente narrando suas ações até o apogeu da visita do governador no decorrer do capítulo oitavo.

O aumento progressivo de seu poder político implicaria também a intervenção direta sobre a infraestrutura local: PH manda construir a “estrada de rodagem” que lhe permitirá escoar a produção resultante dos investimentos em pomicultura, horticultura e avicultura. No entanto, não o faz sem barganhar do poder público auxílios recompensadores, utilizando-se das chicanas jurídicas do advogado João Nogueira: “Fale com o prefeito, dr. Nogueira. Veja se ele me arranja umas barricas de cimento para os mata-burros”⁹³. Avesso ao cultivo de cana de açúcar (“este gênero de agricultura não me interessa”⁹⁴), PH desdenha do proveito econômico do principal produto agrícola da região, que na década de 1920 — tempo histórico da duração dos capítulos narrados — já sofria intensos reveses pela mecanização do processo produtivo (“a usina a comer o banguê”), a que sua espécie de faro de fazendeiro se esquiva: não haveria em S. Bernardo engenho de “fogo morto” (a isso Bom-Sucesso já estava então há tempos reduzido) — tema decisivo do ciclo de romances de José Lins do Rego —, antes porque em S. Bernardo a produção agrícola está dinamicamente a inovar.⁹⁵

A figura do “coronel-burguês matuto” que se insinua na caracterização de PH — cuja ideologia e modos de vida remontam às raízes autoritárias do patriarcado brasileiro — objetiva uma representação da realidade que talvez refira às distorções do capitalismo moderno tematizadas no interior da semifeudal fazenda S. Bernardo. Note-se a ironia do proprietário rural que triunfa (social e

⁹² RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 92.

⁹³ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 40.

⁹⁴ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 78.

⁹⁵ São práticas agrícolas que destoam da tradicional (no Nordeste) lavoura de subsistência: mandioca, batata, feijão, milho etc. Lembre-se que PH refuta mentalmente a veleidade de Padilha, quando este se jacta dos “arados” na idealização duma lavoura de farinha em S. Bernardo: “Burrice. Estragar terra tão fértil plantando mandioca!”. Cf. RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 16.

politicamente) gerando ali os elementos formativos de sua própria desgraça pessoal: é, pois, um “homem arrasado”⁹⁶ por um modo de vida egoísta e brutal que se autodefine nas páginas finais do registro autobiográfico. Assim, Paulo Honório seria, a um só tempo, espécie de algoz coletivo e vítima de si mesmo — alvo frontal de sua própria vileza que só se expressa pelo sujeito da linguagem (agreste) que enuncia, melancolicamente, ao fim: “sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes”⁹⁷. O ser PH devém (de devir) uma virada: ontológica?

A controvérsia crítica sobre o “retrato moral” de Madalena (seus traços e caracteres principais), é, poder-se-ia afirmar, elemento central na arquitetura do enredo do romance: sua presença é decisiva no desajuste a engastar a montagem político-mercantil que S. Bernardo (como fazenda capitalista) simboliza. Afinal, como se questiona o narrador, “se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa?”⁹⁸, ao que conclui que teria sido esforço inútil (em relação à escrita do livro), pois incapaz de caracterizá-la moralmente.

O componente de liberalismo político de algumas de suas ações, contudo, junto ao desembaraço (talvez pródigo, talvez apenas gentil) da posse de objetos materiais nas trocas com os trabalhadores, aliando-se à dimensão política de seus interesses intelectuais (sua atividade enquanto colunista na *Gazeta* não cessara com o casamento), vão consubstanciando-se narrativamente — pelo andamento temporal acelerado da dobra final da narrativa — no elemento tóxico (mas essencial) para a concretização da espécie de usina de afetos reativos, cujo ressentimento seria a engrenagem central, da existência de PH, eixo afetivo sobre o qual os acontecimentos seriam sentidos e descritos.

O PH “dínamo” lubrificado que reergue a decadente S. Bernardo — personalidade expressa literariamente através do aceleração das ações narrativas — descobriria nos primeiros sinais da união matrimonial uma realidade incômoda e inesperada: não se casara necessariamente com a pessoa que tinha em mente. Enquanto Madalena vive a explorar a vida na fazenda, PH expia seus mal-estares

⁹⁶ Ponto de contato com abordagem contemporânea do romance (relacionando ao bolsonarismo) feita por Sérgio Rodrigues. Cf. RODRIGUES, Sérgio. O ressentimento será sua ruína. *Folha de S. Paulo*. 26. ago. 2020.

⁹⁷ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 190.

⁹⁸ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 100.

em acessos de cólera e, eventualmente, “necessárias”⁹⁹ (como mesmo sugere) brutalidades. O itinerário narrativo da, por assim dizer, “parte b” do romance, que vai do capítulo 17 (o casamento) ao 36, último capítulo no qual dá-se a perífrase da letárgica melancolia a que entra o já perturbado narrador, mais ou menos absortamente alheio às questões de negócios que lhe sempre instigara força vital.

A virada subjetiva de PH implicaria, pois, na segunda parte da narrativa (a partir do casamento), uma desaceleração no ritmo dos eventos no curso da ordem narrativa: agora tem-se um narrador que olha para si através do que supõe fazer, ou pensar, ou sentir a suspeitosa mulher com quem se casara. PH passa então a sondar os caracteres da personalidade de Madalena, e este modo de observação o levaria — quase inadvertidamente — para dentro de si mesmo, aumentando por assim dizer o escopo de sua vida interior. A tônica enfática que ele imprime à narração através da objetiva descrição do mundo exterior (a fazenda, a cidade, os poderes constituídos, a canalhice humana generalizada), esta ênfase tende a infletir-se na medida em que seu colapso moral e psíquico vai tornando-se incontornável, que ele vai tomando firme conta disso, até à culminância do devastado PH do capítulo 36, isolado, amargurado e quase totalmente desatento à realidade social que o circunda.

Quando de chofre (ao seu furtivo olhar), o evento do suicídio acontece, ocorre-lhe talvez o que Nietzsche chamara de processo de “interiorização”¹⁰⁰: o instinto objeto do recalçamento — a brutalidade que lhe desencadeia violências e acessos de cólera — torna-se o germe (pútrido?) da má consciência, que haveria de vingar no solo pantanoso da solidão, gerando quem sabe uma culpa em parte inconsciente pelo fatal acontecimento. Impossibilitado de efetuar-se, os instintos nesta perspectiva voltam-se para dentro, e a delgada vida interior expande-se no que denominará enquanto “alma”. Seria, pois, verossímil pensar a origem da escrita do livro como efeito de uma espécie de alargamento anímico, quem sabe? De toda forma, é justamente quando (1932 no tempo da história) se sente impotente em absoluto, sem esposa, amigos e funcionários (apenas Marciano, com sua lealdade canina, “guarda a casa-grande”), a fazenda em crise, repleto de dor e solidão, que sentado e com café a escrita se justifica em sua plenitude: ela lhe provoca catarse?

Neste sentido, discordando da hipótese contida no excelente texto de Abel Barros Baptista sobre o livro, de que “não existe continuidade entre a vida de Paulo Honório e o livro de Paulo Honório”¹⁰¹ por este ocorrer efeito de uma “decisão” pessoal, poder-se-ia talvez afirmar que o livro

⁹⁹ “— Foi realmente brutalidade. Brutalidade necessária, mas enfim brutalidade. É uma peste recorrer a isso”. Cf. RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 114.

¹⁰⁰ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 67.

¹⁰¹ BAPTISTA, Abel B. *Op. cit.* p. 105.

não é necessariamente efeito da obstinada labuta fazendeira que constitui sua trajetória (está claro), mas do que lhe ocorre quando do acontecimento fatal: a dimensão trágica da existência a paralisá-lo. O acontecimento do suicídio de Madalena lhe traz mais perto do eu subjetivo e, a partir daí, vão surgir as condições de possibilidade para a escritura do livro, isto é, o recolhimento e a dor autoimposta para além do natimorto empreendimento coletivo da publicação. O real gatilho de ignição (se existe) do livro é a tragédia que lhe abate, não o falso desejo de reconhecimento cinicamente disposto nos dois primeiros capítulos. Nesta chave de leitura, a polêmica da crítica acerca da verossimilhança da escrita rigorosa, coesa e altamente lapidada¹⁰² deveria talvez ser posta sob o escrutínio das vicissitudes do estado afetivo grave e transcendente (parcialmente livre das demandas práticas da gerência da fazenda), no sentido de seu sentido de verossimilhança, mais que em relação à pequena instrução formal do PH que escreve em primeira pessoa enquanto protagonista-narrador — principalmente na “parte b” do dinamismo encarecido progressivamente a desacelerar.

Faz-se importante demarcar a espécie de divisão formal que enfeixa a arquitetura narrativa: a narração no interior do tempo da enunciação, que coincide com a ação presente da escrita (durando num mesmo período pós-revolução dos capítulos 1, 2, 19 e 36), e a narração do tempo do enunciado (de e sobre sua trajetória), que remete como rememoração ao passado vivenciado durando em sucessão no eixo principal da narrativa: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 15, 16, 17, 18, 20, 21... até ao 35 (o capítulo sobrea crise deflagrada a partir do “escangalhamento” político) num encadeamento de eventos se sucedem (coincidindo então tempo da história ao tempo da narrativa) em um arco temporal a espriar-se do ano de 1918 a 1931. Do ponto inicial da Revolução de 1930 (narrado nos capítulos 31, 32, 33 e 34) aos últimos parágrafos do capítulo 36 (cronologicamente de março a julho de 1932) vão-se tecer as linhas finais da narrativa.¹⁰³

¹⁰² Cf. MAIA, Eduardo Cesar (org.). Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste. Cepe editora. Versão Kindle.

¹⁰³ A terminologia empregada deriva de: GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Coautoria de Fernando Cabral Martins. 3^a ed. Lisboa: Vega, 1995. Essa divisão narrativo-cronológica serviu-se parcialmente da análise contida na dissertação de mestrado sobre o livro por: FILHO, Edmundo Juarez. *História e alegoria em São Bernardo de Graciliano Ramos*. São Paulo: USP, 2006.

PH reconhece que os motivos das coisas irem mal não pertencem à administração da fazenda (que não para de valorizar-se) e o capítulo se desdobra nas prodigalidades (“despotismo de luxo”¹⁰⁴ fala-lhe mãe Margarida sobre itens a ela enviados) e liberalidades da progressista esposa. Os signos indiciários voltariam a reaparecer no capítulo no interior da neurótica reflexão sobre possíveis desperdícios, quando lhe irrompe à consciência — “depois recordei o volante e o dínamo”¹⁰⁵ — os elementos sugestivos do início do capítulo: o que vai como que vazando narrativamente nesta construção de alta carga simbólica a se modular (ou escalonar) no decorrer do capítulo. Neste ponto, hesita o narrador em acreditar no próprio andamento de raciocínio que conduz quanto à origem do acesso colérico — “está certo que Madalena não tinha nada a ver com o descaroador e a serraria”¹⁰⁶ —, isso apenas para afirmar que misturara tudo em útil benefício do aumento da cólera. Prossegue sobre as injustiças e malvistas sobre ele e a fazenda, numa peroração meio involuntária de atitude típica dos ressentidos, até ver-se abaixo do alpendre da casa-grande com a noite a cair depois de um dia fatigante: então lembra-se do agora “dínamo encrencado”¹⁰⁷. É noite e o capítulo ganha fecho com a informação de que Madalena dera luz a um menino. O “dínamo emperrado” da abertura, que volta como um falso elemento da problemática a lhe afligir, recebe como “encrencado” um valor semântico que como lhe adere como atributo de representação da subjetividade do narrador — estilizado em um emprego que produz enunciados no interior de interpolações (em sua maioria assindéticas), recurso que perpassa as linhas narrativas do capítulo 23.

À medida que o severo ressentimento pelas relações travadas por Madalena vai-se demonstrando mais e mais no curso da narração, acentua-se a percepção (trabalhada sutilmente no conjunto da narrativa) de que, não podendo compreender as ações e pensamentos de sua mulher, o problema matrimonial também estaria com ele, com seu rústico e brutal modo de vida, incompatível às questões sociais e políticas a envolver ela mesma. É o que, desdobrando o fio do excerto supracitado, vai voltar a aparecer com gradações de contraponto no capítulo 26, agora em relação ao juiz Dr. Magalhães, a quem PH repugna (base de sua repulsa ao bacharelismo) pela boçalidade e arrogância (“tapado, o dr. Magalhães, tapadíssimo”¹⁰⁸ que para o narrador lhe caracteriza, na

¹⁰⁴ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 118.

¹⁰⁵ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 119.

¹⁰⁶ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 120.

¹⁰⁷ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 124.

¹⁰⁸ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p. 136.

asseveração insana de uma possível relação sexual entre os dois, enquanto observa uma angustiada Madalena dormir:

Com o dr. Magalhães, homem idoso! Considerei que também eu era um homem idoso, esfreguei a barba, triste. Em parte, a culpa era minha: não me tratava. Ocupado com o diabo da lavoura, ficava três, quatro dias sem raspar a cara. E quando voltava do serviço, trazia lama até nos olhos: dêem por visto um porco. Metia-me em água quente, mas não havia esfregação que tirasse aquilo tudo. Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos! As do dr. Magalhães, homem de pena, eram macias como pelica, e as unhas, bem aparadas, certamente não arranhavam. Se ele só pegava em autos! (RAMOS, 1996, p. 140).

Nesta chave de leitura, o autoritarismo do comando tirânico da propriedade (e de tudo que a envolve), que possibilita entre outras coisas sua íngreme ascensão sociopolítica, torna-se em relação à esposa o óbice inexorável: o dínamo veloz — símbolo objetivo do progresso no universo das relações de trabalho capitalistas — vai como que perdendo a velocidade impressa outrora (só Madalena parece lhe emperrar), dispondo-se subjetivamente a si pela descrição das desavenças matrimoniais com seus efeitos e, enfim, pela irrupção do evento fatídico — o que culmina com a autoimposição solitária da escrita do livro (como explicação e justificação de si e de sua trajetória) no capítulo 36. A dimensão temporal implicada na caracterização de si a partir do ritmo célere das ações no curso da narração é (João Luiz Lafetá dissera de um “Paulo Honório que governa o mundo e imprime-lhe o seu ritmo¹⁰⁹”), pode-se dizer, um dos aspectos mais brilhantes a matizar a construção literária — de aceleração e desaceleração narrativas — de *São Bernardo*.

¹⁰⁹ LAFETÁ, João L. O mundo à revelia. In: *São Bernardo*. Rio de Janeiro, Record, 1996, p. 199.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUVIN, Jean P.; RIBEIRO, Rodrigo Jorge N. Vida, literatura e engajamento. In: *Revista Cult.* n. 239. São Paulo, 2018 [versão Kindle].
- GRIECO, Agripino. Romance. *O Jornal* (RJ). 23 dez. 1934.
- FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Tradução de Luiz Gonzaga Chaves, José Gomes Magalhães. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1996.
- FILHO, Edmundo Juarez. História e alegoria em São Bernardo de Graciliano Ramos. São Paulo, USP, 2006 [tese de doutorado].
- GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Coautoria de Fernando Cabral Martins. 3^a ed. Lisboa, Vega, 1995.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. “Caetés”. In: *Boletim de Ariel*. fev. 1934.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020. Versão Kindle.
- LACERDA, Carlos. *São Bernardo e a ponta da faca*. In: *Revista Acadêmica*. n. 14. 1935.
- LAFETÁ, João L. O mundo à revelia. In: *São Bernardo*. Rio de Janeiro, Record, 1996.
- MAIA, Eduardo Cesar (org.). *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste*. Cepe editora [versão Kindle].
- MALASARTE. Literatura & cia. *Diário da Noite* (RJ). 16 mar. 1935.
- MORAES, Denis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 2^a ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Graphia; Fundação Biblioteca Nacional, 2005.
- RAMOS, Graciliano. A decadência do romance brasileiro. In: *Literatura*. n. 1. Rio de Janeiro, 1946, p. 93
- _____. *Cartas*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- _____. *Memórias do cárcere*. 31. ed. v. I. Rio de Janeiro, Record, 1994.
- _____. *São Bernardo*. 66^a ed. Rio de Janeiro, Record, 1996
- _____. *S. Bernardo: romance*. Rio de Janeiro, Ariel, 1934.
- _____. *Os romancistas falam de seus personagens: Paulo Honório de «S. Bernardo»*. *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro. ano 1, nº 6. dez. 1949.
- RODRIGUES, Sérgio. O ressentimento será sua ruína. *Folha de S. Paulo*. 26. ago. 2020.
- SCHMIDT, Augusto F (org.). *Homenagem a Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro, Alba, 1943.
- OS LIVROS da semana: *Angústia, S. Bernardo, Vidas secas*, romances por Graciliano Ramos. *Diário de Lisboa*. 1^o set. 1938.

Franklin Moraes é licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e mestre em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Atua com língua portuguesa, literaturas em língua portuguesa e teoria e história literárias.